

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 5

Antônio Sérgio



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1983

Versão integral disponível em digitalis.uc.pt

ANTÓNIO SÉRGIO E OS INTEGRALISTAS

I. DUAS PROPOSTAS DE RESSURGIMENTO NACIONAL

A 5 de Outubro de 1910 surge finalmente a República. Com ela a expectativa de um ressurgimento nacional que traria a riqueza e a igualdade para todos. Enquanto muitos se faziam arautos de promessas, as inteligências iam sendo modeladas num clima de ideias e de retórica inflamada.

É neste ambiente de esperança que se constitui um movimento intelectual de feição nacionalista com sede no Porto, mas alargado a Coimbra e a Lisboa, denominado Renascença Portuguesa. A revista *A Águia* surgida em 1910 tornar-se-ia o núcleo gerador do movimento. Os intelectuais que agregava, apesar da heterogeneidade de ideário, eram animados pelo sentido da necessidade de um ressurgir da pátria, de dar uma finalidade à vida nacional através de uma via republicana, uma vez que a monarquia estava desacreditada. Esta sociedade eclética, que seria o cordão axial do movimento intelectual português durante a 1.^a República, incubava desde o início o germe das polémicas e divisões que cedo se manifestaram O).

Se de início existiu uma certa coexistência entre os seus membros, as divergências não tardaram a impelir o movimento por caminhos bem diferentes. Mas, se as vias não eram coincidentes, o mesmo não se dirá dos objectivos, pois todos procuravam, ou pela criação literária e artística ou pela in-

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

(D Ver Victor de Sá, *Esboço histórico das ciências sociais em Portugal*, Lisboa, Biblioteca Breve, 1978.

Veja-se, capítulos dedicados à «Renascença Portuguesa» e a «António Sérgio» e *Historiografia Sociológica de António Sérgio*, Lisboa, Biblioteca Breve, 1979.

investigação científica e histórica, encontrar as raízes e condicionantes da nacionalidade para que Portugal se reencontrasse consigo próprio.

Uns, identificavam o renascimento pátrio com um sentimento de saudade alicerçado no desejo de um retorno ao passado heroico e lendário. É o caso de Teixeira de Pascoais, mentor do movimento a partir de 1912, que colocaria na *Saudade*, «suprema criação sentimental da Raça», o princípio salvador da nacionalidade. Outros, de espírito mais realista e filiados ideologicamente em correntes de pendor racionalista, recusavam soluções teóricas e verbalistas, presas a princípios de ordem transcendente ou metafísica. A solução para os destinos da Grei devia encontrar-se numa via imanente, na resolução dos problemas reais e concretos.

O momento era único, como afirmava Raul Proença, mas devia ser aproveitado com a criação de uma dinâmica funcional que permitisse que das hostes republicanas saíssem as soluções para os problemas pedagógicos, sociais e económicos de que o país enfermava, e que constituíssem alternativa válida às soluções preconizadas pelas correntes saudosistas e tradicionalistas.

Situa-se neste campo António Sérgio que, denunciando as falhas do movimento da Renascença Portuguesa nas polémicas que manteve com Teixeira de Pascoais em páginas de *A Águia*, afirma a necessidade da criação em Portugal de uma «opinião pública esclarecida», de uma «elite consciente», em suma, de uma transformação da mentalidade. Com esse objetivo lança a revista *Pela Grei* e liga-se à *Seara Nova*.

A «inteligência» portuguesa polarizava-se em duas orientações antitéticas, uma de natureza tradicionalista voltada para o passado, outra de natureza racionalista projectada no futuro, sem que o espírito nacionalista deixasse de subsistir e de se manifestar em ambas ⁽²⁾.

Mas se entre os tradicionalistas se integravam os que acreditavam nos caminhos da República como via segura para a resolução dos problemas da Nação, outros, descrentes da solução republicana e do liberalismo monárquico, impulsionam um movimento doutrinário e político com vista à restauração de uma monarquia orgânica, tradicionalista e anti-

⁽²⁾ *Idem, ibidem*, p 96.

-parlamentar ⁽³⁾. É o Integralismo Lusitano. Acusado de ser uma transplantação para Portugal do seu congénere francês, «L'Action Française», e do pensamento de Charles Maurras, cujas obras entraram em Portugal por intermédio de Luís de Almeida Braga, Pequito Rebelo e Conde de Monsaraz e causaram viva impressão em António Sardinha, defendia-se o Integralismo destas acusações, reivindicando raízes nacionais e originalidade própria para o movimento, que se pretendia herdeiro da tradição legitimista portuguesa ⁽⁴⁾. É em «chão português», ou seja, na tradição cultural e política do pensamento contra-revolucionário português do século XIX, cujos principais representantes os excessos da vitória liberal remeteram para o esquecimento, que o Integralismo se filia ⁽⁵⁾. Por outro lado, a recuperação que os representantes do movimento fazem, para além de Garrett e Herculano, de algumas das mais notáveis figuras da geração de 70, como Oliveira Martins, Teófilo Braga, Antero de Quental e Ramalho Ortigão, revela a preocupação de demonstrar que o seu ideário não se desvia da senda de um pensamento genuinamente português, sem qualquer servilismo ou enfeudamento a ideólogos estrangeiros ⁽⁶⁾. Silenciando as divergências profundas de pensamento e explorando os pontos de convergência possíveis, aqueles pensadores são arvorados em precursores ou mestres do pensamento integralista que neles fundamenta o seu anti-individualismo e conseqüentemente o anti-liberalis-

⁽³⁾ Ver «O que nós queremos», *Nação Portuguesa*, n.º I, Coimbra, 1914. Os Integralistas preconizam uma Monarquia orgânica tradicionalista e anti-parlamentar que assentaria em 2 tendências: Concentradora (Nacionalista), que concede ao Rei, como Chefe do Estado, poder pessoal; Descentralizadora, que visaria os aspectos Económicos, Familiar e Administrativo, Judicial e Espiritual.

⁽⁴⁾ Ver *Manuel Braga da Cruz*, «O integralismo lusitano nas origens do salazarismo», *Análise Social*, vol. XVIII, 1982-1.º pp. 137-182.

⁽⁵⁾ Entre os seus antecessores, os integralistas colocavam os principais representantes do pensamento contra-revolucionário do séc. XIX como Faustino da Madre de Deus, Gama e Castro, Penalva, José Agostinho de Macedo, Ribeiro Saraiva, França Galvão, Acúrcio das Neves e Fortunato de S. Boaventura.

⁽⁶⁾ São inúmeros os artigos que atestam o modo como os integralistas fizeram uma leitura contra-revolucionária da vida mental do século XIX, o que os levou a pôr em destaque «o desengano de Garrett» a «desilusão de Herculano», «o pessimismo de Oliveira Martins», a «penitência de Ramalho», a «ironia de Eça», o «testemunho de Antero», a «contrição de Fialho». Teófilo Braga é considerado «Mestre da Contra-Revolução». Veja-se Manuel Braga da Cruz, *ob. cit.*

mo económico e o anti-parlamentarismo, bem como a luta contra o egoísmo ético (7).

O germe do movimento é lançado por um grupo de exilados na Bélgica, oriundos alguns deles dos meios académicos mais reaccionários da Universidade de Coimbra, logo após a implantação da República (Domingos de Gusmão Araújo, Luís de Almeida Braga e Rolão Preto). Ali fundam a revista *Alma Portuguesa*. Amantes da Tradição, acreditavam que só era possível corrigir os erros do presente com os modelos recuperados ao passado, sobretudo à Idade Média e Restauração.

Mas o Integralismo só surge verdadeiramente em 1914, com o aparecimento em Coimbra da revista *A Nação Portuguesa*, onde aparece o «programa integralista». Revelando uma maior homogeneidade de ideário que *A Águia*, *A Nação Portuguesa* insere nos primeiros números um conjunto de artigos que constituem as linhas mestras da doutrina que nos anos seguintes se vai desenvolver. É a partir de 1916, sobretudo com a vitória sidonista, que o movimento revela um maior pendor político, para o que contribui o lançamento do jornal *A Monarquia*. O fim do sonho sidonista e a instabilidade que se lhe seguiu levou o Integralismo a uma forte participação política que culminou com a revolta de Monsanto em 1919. Neste mesmo ano quebram a fidelidade a D. Manuel II e estabelecem contacto com o partido legitimista do ramo miguelista. Os fiéis a D. Manuel II (Alfredo Pimenta, Caetano Beirão e João Ameal), formam em 1921 a Acção Tradicionalista Portuguesa vindo a editar a revista *Acção Realista* e o semanário *A Voz Nacional*.

O período de intervenção política do Integralismo encerrar-se-ia em 1922 com a assinatura do Pacto de Paris entre D. Manuel II e a Infanta D. Maria Aldegundes de Bragança, tutora de D. Duarte Nuno. Neste mesmo ano reaparece a revista *A Nação Portuguesa* sob a direcção de António Sardiinha, e o movimento retoma a actividade doutrinária, na defesa do projecto de uma monarquia orgânica, nacional, tradicionalista. Não significa que o Integralismo tenha perdido influência. Esta vai-se alargando progressivamente a meios conservadores e a certos sectores estudantis, assumindo uma feição por um lado sindicalista e por outro nacionalista. Através desta segunda faceta aproxima-se dos movimentos fas-

O Ver Fernando Catroga, «O problema político em Antero de Quental — Um confronto com Oliveira Martins», *Revista de História das Ideias*, vol. III, Coimbra, 1981, p. 480 ss.